

# **AS REPRESENTAÇÕES DA TRADIÇÃO DA CULTURA AFRICANA PRESENTE NAS RELIGIÕES AFR-BRASILEIRAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

Arleide Vicente da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

arleide.vicente@yahoo.com

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo aborda a modalidade da religião afro-brasileira, que surgiu dos movimentos herdados da sociedade escravista, decorrente das determinações criadas pelo sistema colonial escravocrata. Esta religião foi marcada pelo preconceito, perseguição e violência da elite dominante, que seu valeu de uma suposta superioridade étnica e religiosa direcionada à população e aos milhares de negros que foram trazidos para o Brasil como escravos que, por sua vez, foram escravizados, tratados como mercadorias, instrumentos de trabalhos e reprodutores de outros no processo da tradição religiosa afro-brasileira, a partir do século XIX.

Diante desse cenário, podemos relatar que os rituais místicos dessa religião eram representações das crenças baseadas nos cultos realizados em reverência a fé nos deuses, herança de seus ancestrais. Mas também, expressões contidas no sentimento de revolta e sofrimento contra a sociedade dominante, que reprimia os valores e tradições de origem africana. Os africanos teriam que se adaptar às novas regras de convivências e compor os movimentos ficcionistas, tomando por exemplo, a questão de uma raça e uma etnia formando uma marginalização de sua adversidade cultural. Outro ponto importante a ser mencionado diz respeito a algumas questões que envolvem as religiões afro-brasileiras, que engloba as crenças místicas tais como a dança, música e outros elementos constitutivos dessa crença envolvendo a nativa, européia e africana que foram incorporadas aos grupos de negros e mestiços, entre outros, constitui atualmente a cultura afro-brasileira. É dessa forma que essa religião simboliza a história sócio e cultural das práticas representativas da comunidade afro-brasileira. Neste contexto, abordo as condições existentes nas relações sociais durante o período colonial, para disfarçar as violências sofridas pelos escravos. Estes expressavam, através das práticas manifestadas nas atividades religiosas e no controle da Igreja Católica que permeavam a sua vivência.

Convém ressaltar que a igreja tentava combater os rituais místicos da religião afro-brasileira, uma vez que seus atos de controle afetavam a consciência e a conduta social dos movimentos. No entanto, essa hegemonia religiosa não conseguiu destruir os perfis de outras culturas tradicionais, como no caso da criação das irmandades religiosas que buscavam separar a igreja da elite branca cristã com a religião pagã dos escravos. Emergiu, dessa forma, o candomblé e outras expressões próprias dos negros. Nesse processo, as religiões afro-brasileiras durante o século XIX, se caracterizam pelas inovações decorrentes do desenvolvimento econômico, social, político e cultural. A religião é percebida através de outras visões, especialmente quando as tendências desse processo de rupturas criam uma nova roupagem das expressões culturais que vai se fixar no século XX.

Analisando as religiões afro-brasileiras no contexto social do século XIX, buscamos refletir sobre a situação que originou as práticas ritualísticas, que incidem nos movimentos reacionários de dominação imposta pelo sistema escravista. Esta religião de raiz negra retrata um momento em que a cultura de um povo foi submetida a várias formas de violência, mas que na expressão de sua identidade deu forma e voz aos escravos como mecanismos de resistência social.

## **A FORÇA DA TRADIÇÃO AFRICANA PRESENTE NA RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA NO PERÍODO COLONIAL**

Sob a orientação do pacto colonial, o comércio de escravos no continente africano permitiu que grandes nações européias comercializassem populações inteiras, segundo as idéias propagadas pela política econômica do mercantilismo atuante nesse período.

Com base nessas concepções, o Brasil foi integrado as ambições de exploração de Portugal enquanto fontes de riquezas e poder, passando a servir de sustentáculo da economia colonial, os escravos retirados de seus pises de origens e trazidos para sustentar a produção açucareira nas principais regiões canavieiras. Integrados aqui, passaram a compor os grupos étnicos marginalizados em que não era permitida qualquer perspectiva de mudança social. Dessa forma, tiveram que se adaptarem-se aos regulamentos ditados classes dominantes representados pela elite branca, conforme as exigências promovidas pelo sistema política colonial.

Alguns aspectos regionais brasileiros, podem ser vistos como fatores determinantes para se conhecer alguns elementos de distinção dos negros. Os contatos que mantinham nesses locais em que

viviam geravam relações de alianças ou de conflitos que poderia resultar em guerras entre os reinos africanos. Tais fatos faziam com que se difundissem entre essas regiões os cultos de suas divindades tradicionais. Assim as experiências e os conhecimentos que tinham adquiridos foram implantados no novo mundo durante o comércio transatlântico de escravos e não foram destruídos conforme pretendiam fazer a Igreja Católica conforme explica Marcos Ayala: “a diferença de posições dos diferentes grupos sociais na estruturas de classes implica a existência de concepções que se contrapõem.” (p. 51,2002), Assim, a religião ocidental cumpriu sua função de controle, foi elemento ideológico para a manutenção da social escravista, como exemplifica Pinsky: “o escravo não apenas podia ser católico: ele tinha que ser” (1998, p. 42). A isso, pode-se acrescentar o batismo que foi um dos instrumentos de poder, onde a troca de nomes e a bênção de padres aos negros durante a travessia ou mesmo aqui, significavam uma ruptura, em que esses grupos aceitariam uma nova fé, baseada na fé cristã ocidental. Todavia, esses rituais místicos não foram destruídos.

De concepções opostas, as crenças religiosas praticada pelos escravos africanos baseavam-se nas devoções às divindades relacionadas aos fenômenos da natureza e espirituais, na presença do transe e da alimentação ritual como forma de comunhão dos homens entre si e destes com suas divindades. Assim, os vários grupos étnicos, ao se encontrarem aqui ou mesmo, na África quando eram capturados e mesmo durante as travessias propagaram as trocas culturais entre si, e nesse processo as religiões africanas tiveram de dialogar.

Os escravos antes de se tornarem cativos em seu continente, viviam em organizações bem estruturadas, as quais estavam num processo evolutivos, com interesses comuns e que se distanciavam das ambições européias e que serviram de justificativas ideológicas, serviram para promover a diáspora no continente africano..

Dessa forma, a fé dos negros nos deuses ancestrais e os rituais místicos, tornaram-se fatores preponderantes na reconstituição das religiões africanas no Brasil. Herdadas de seus ancestrais, essas religiões se mantiveram mesmo sofrendo restrições. Num primeiro momento, disfarçada nas danças e cantos em louvor aos santos católicos, porém no segundo momento, esta fé se dirigiu tanto aos uns como a outros. Em concordância com Jayme Pinsky:

“...Contudo, a legitimação social do catolicismo dos senhores continuava sendo uma eficiente forma de controle social; e valores como conformismo,

resignificação e trabalho duro, formas de se chegar ao paraíso celeste, marcavam de maneira indelével a vida cotidiana do escravo brasileiro” (PINSKY, 1998, p. 43).

Dessa forma, negro como o índio, continuou acreditando em seus deuses antigos, mesmo sendo considerados cristãos conforme impunha a Igreja Católica. Índios e negros mesmo com as barreiras sociais imposta pela elite branca não significou que suas tradições culturais se mantivessem impermeáveis umas as outras. Dessa forma, as religiões encontradas no Brasil durante o período colonial, romperam os limites impostos e se traduziram mutuamente, dando origem a novas formas. Assim, as semelhanças estruturais existentes entre o catolicismo popular, as religiões indígenas e os cultos africanos possibilitaram a tradução e o intercâmbio entre os elementos constituinte do sistema religioso afro-brasileira, essa conversão cultural permitem a reunião no mesmo templo diferentes modelos de religiões africanas.

Nos períodos em que esteve em vigência a escravidão no continente africano, os escravos criaram várias formas de recriar seu lugar de origem. Os terreiros, tornaram-se espaços em que podem ser vistas a força da tradição religiosa, ao se tornarem o lugar comum, representação cultura. Assim, Calundu, batuque, batucajé, entre outros nomes, foram alguns dos nomes mais comuns para designar ainda de forma imprecisa as danças coletivas, músicas acompanhadas de instrumentos de percussão, sob a organização dos negros, deu início aos cultos e ritos afro-brasileiros. O termo “candombe” apareceu no Rio de Janeiro como designação das festas onde aconteciam os pedidos de intercessão aos deuses africanos. Desse termo tem-se o significado do candomblé que segundo Carlos Eugênio:” em seu sentido estrito, referia-se a uma das grades festas anuais das religiões de tradição ioruba-jeje reinventadas na diáspora” (2006, p. 129). O autor apresenta essa designação como das variantes, empregados para enfatizar o significado do nome, denominações que apresentam conceitos amplos que se assemelham entre si.

## **A RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA NO SOCIAL DO SÉCULO XIX**

As religiões de tradição africana durante o século XIX no Brasil, implicou numa série de mudanças de as ordens sócias, permitiu que as mesmas, se tornassem mais expressiva nesse contexto social, nesse período as informações advindas de anotações de viajantes tornou mais precisa os

conhecimentos sobre as práticas religiosas dos escravos. São também importantes, as informações sobre as repressões aos rituais praticados pelos escravos. Tanto as danças como os batuques foram duramente reprimidos por autoridades políticas, policiais, Igreja Católica, senhores donos de escravos e parte das camadas sociais

Nos início desse período, as religiões dos negros escravos e libertos passaram a ganhar novas conotações em suas várias formas e expressões decorrentes das transformações dentre outras, a transferência da família real e sua corte para o Brasil, a qual implicou em transformações que conduzirá o processo de separação colonial e a constituição da república brasileira em 1889. De ordem social, político, econômico e Cultural, decorrente dessas mudanças vale ressaltar, a abertura dos portos em 1808 no Rio de Janeiro, exigiram a fixação de trabalhadores nos principais centros urbanos, principalmente da mão de escrava. Novas perspectivas de paisagens e costumes nele decorrentes, foram sendo incorporadas, como as migrações e outros congêneres permitiram um redirecionamento das formas de pensar e as práticas sociais e dos valores culturais, presentes nesse contexto, fez difundir ideais de grandes proporções que permearam a situação da população negra, como explica DAVIS:

...amplas mudanças nos valores culturais enfraqueceram as justificativas religiosas e filosóficas da escravidão. Todavia, as próprias tendências do pensamento que enfraqueceram as sanções e históricas também ampliaram a importância das características mentais e físicas do homem. (DAVIS, 2001, 493)

Conforme o exposto, essas concepções ideológicas eram atribuições desenvolvidas por estudiosos evolucionistas que buscavam justificativas preconceituosas e racistas para classificar determinados grupos étnicos, formulou o ideário de supremacia econômico e cultural, enalteceram a exploração imperialista europeia no continente africano. No Brasil, idéias se fortaleceram ao fazer juízo de valor e a julgamentos subjetivos, correspondentes aos interesses das elites brancas para justificar a interação da população negra na ordem social em vigor.

O processo de urbanização que se iniciava no Brasil a partir da instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro e a abertura dos portos em 1808 exigiram a fixação nos grandes centros urbanos da mão de obra escrava. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais Recife, Bahia, entre outras se tornaram centros irradiadores desse processo de evolução social e se tornaram lugares de divulgação da tendência religiosa afro-brasileira.

Em seu conjunto, as religiões afro-brasileiras representam à face mais visível da resistência dos africanos e seus descendentes no contextual da social brasileira do século XIX. Sem possuir um denominador comum, pois se manifestam de maneira distinta, conforme os aspectos históricos das diferentes regiões brasileiras.

O processo de desencadeamento pela extinção do tráfico negreiro a partir de 1856 e o seu final em 1888, os negros escravizados passaram a integrar um ambiente de vida e de aspecto conservador e de tendência mais abertas a aceitação em dar novas abordagens às práticas culturais, comuns aos diferentes grupos sociais. Nessa percepção, os rituais religiosos praticados pelos negros, tornaram-se expressivas e enfáticas, pois, permeavam os ideais de seus integrantes, que por sua vez, passou a integrarem de outros extratos sociais.

O fim da escravidão em 1888 e a proclamação da República no ano seguinte, deram apenas condição legal para os rituais religioso afro confirmasse a sua existência, pois , mesmo com as mudanças advindas da nova ordem social, político, econômico e cultural, as religiões percorreriam um longo período para se afirmar.

A paisagem natural dos grandes centros urbanos, a integração dos diferentes grupos étnicos que passaram compor as camadas sociais que se formava. Vai interferir muito o processo de desagregação das religiões afro nesse contexto, a intensificação do trafico negreiro, que implicará em ambiente de interação dos grupos, bem como trocas culturais, entre outros fatores, podem ser destacadas o aumento de negros libertos, escravos, mestiços circulando nesse contexto social brasileiro. Isso possibilitou de alguma forma maior integrados entre os grupos sociais, vale ressaltar que as concepções de raças difundidas e legitimadas teoricamente, colocavam o negro numa situação de excluídos. Ficando dessa forma, a margem da sociedade e proibidos de manifestarem suas culturas.

Conforme o exposto, pode-se perceber que, ar de liberdade fez com que as religiões encontrassem condições melhores de desenvolvimento. Mesmo proibidas, ela se restringia ao privado, porém, continuaram sendo duramente perseguida e marginalizada. Os códigos de posturas que controlavam as atitudes e comportamento das pessoas. Eram consideradas segundo os princípios orientadores da conduta social desse período, pois, a ameaça de levantes praticadas pelos grupos citados aqui, foram mais expressivos. As idéias reacionárias divulgadas pelo iluminismo e as transformações ocorridas no contexto internacional, para Devid Brion Davis: “(...) o iluminismo foi um desafio para a autoridade tradicional” (p. 444, 2001). Essas concepções ideológicas alimentaram o

sentimento de pertencimento. Em conformidade Com Roger Bastides: “A matéria social não existe senão quando os agentes sociais lhes uma significação, e essa significação e essa modificação pode mudar no decorrer do tempo ...” (1971, p. 539). Dessa forma, os negros seguiram praticando suas religiões, segundo a tradição africana como forma de expressões contidas no sentimento e associação dos valores presente no ponto de vista étnico, herança de seus ancestrais. Conforme o pensamento de Jaime Pinski: “ aqui que o negro era tratado como mercadoria, não havendo preocupação alguma de em se respeitar sua natureza” (p. 32, 1998). Daí os sentimentos traduzidos em revoltas e resistências contrárias a ordem social dominante, que reprimia os valores étnicos, raciais e tradicionais da história e cultura de origem africana.

Os africanos teriam de se adaptar às novas regras de convivência e compor os movimentos contrários aos princípios que se traduziria nos valores e fator de identificação da identidade cultural afro-brasileira. Outro fator a considerar, diz respeito às manifestações culturais, a serem percebidos como novo modelo a ser seguidas pelas camadas populares na segunda metade do século XIX. Assim, canções, melodias e letras da música afro-brasileira, como as que englobavam os ritmos musicais, danças, religiões e outros componentes da cultura européia, representados pela comunidade colonial portuguesa, e outra música nativa, que era incorporada aos grupos de negros e mestiços que constitui hoje a cultura afro-brasileira.

Nos espaços domésticos foram permitidas realizações periódicas dos ritos e construção de altares. Todavia, com a abolição da escravidão e a proclamação da República, as práticas representativas da comunidade afro-brasileira. Neste contexto, demonstra as condições existentes das religiões afro-brasileiras no contexto social do século XIX. Em que essas práticas foram se tornando mais atuantes no meio social.

## **ALGUMAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO E METODOLÓGICA SOBRE A RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

De tradição oral, as religiões de origem africana, não se resumem aos terreiros de candomblés nem aos saberes dos iniciados, constitui-se numa das formas mais expressivas dos conhecimentos históricos sobre a diversidade étnica e cultural dos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravos, em concordância com o pensamento de Marco Ayala: “elas se reproduzem e atuam como

parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados” (p.52, 2002).

As religiões criadas no Brasil durante e depois do período escravista, não significou dizer que as mesmas foram recriadas em sua forma pura, ou seja, original, pois o meio a qual os sujeitos estará inserido vai implicar nas condições a qual estarão submetidos, não permitirá a homogeneidade pretendida.

Quando os europeus deram início à diáspora no continente africano, conheceram diferentes grupos étnicos e diferentes culturas com organizações sociais definidas e especificidades comuns; com estruturas estatais apoiadas em comunidades aldeãs, cujas populações se organizavam em clãs. Eram grandes famílias representadas por laços de solidariedade e parentesco ou mesmo linhagens. Essas comunidades tradicionais produziam suas atividades econômicas em conformidade com suas necessidades

No que tange a linha de pensamento que embasam os estudos históricos, convém usar as “representações” uma vez que a mesma segundo Na Jataí:” apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais” (2004, p. 41). Isso implica dizer que as religiões de origem áfricas podem ser colocados no campo de investigação enquanto elemento cultural capaz de reproduzir conhecimentos dos fatos históricos.

Dessa forma a compreensão que se pode ter sobre essa temática confere os entendimentos a cerca dos estudos históricos, as práticas religiosa explicadas por esse âmbito, sugere José D’Assunção: “... esta noção deve ser pensada não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural, as instituições várias, às técnicas e às realizações (por exemplo os objetos culturais produzidos por uma sociedade), mas também em razão aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada (...)” (BARROS, 2004, 77).

Representativas das tradições culturais conferem o pensamento de Mery Del Priore e Renato Pinto em dizer que: “ As religiões estavam, pois, sujeitas as transformações, constituindo-se num dos aspectos mais plurais da cultura” (2004, p. 24). Conforme o exposto, essas idéias conferem as percepções que pode ajudar a entender a importância e a funcionalidade das religiões afro-brasileiras é importante entender o os significados que as norteiam.

Estando em envolta as concepções de seu lugar de origem, a qual podem ser remetidas a própria idéia de manifestação religiosas difundidas da tradição oral africana no Brasil do século XIX.

Uma dos referenciais para se conhecer e distinguir algumas implicações enquanto elemento marcantes das expressões culturais da religião afro-brasileira, está em perceber o próprio continente africano, tanto em sua forma tradicional ou moderna, a mesma constitui-se num mundo a parte devido às peculiaridades existentes. Dessa forma, ela pode ser vista como um mundo variado e diverso do que foi colocado ao longo de seu processo histórico

Com base na tradição Oral, as religiões áfricas se divergem e muito se comparadas às praticadas pelas religiões ocidentais. Fazem partes de conhecimentos milenares as quais estão associados às experiências de iniciação e da própria comunidade religiosa entre outros.

Associadas conforme o lugar comum, as mesmas foram inseridas contexto histórico complexo e conturbado para a população de africanos que foram seqüestrados e escravizados. Entender os princípios norteadores dessa conjuntura, confere algumas referencias importantes para entender as religiões de matriz africana no Brasil.

A ênfase dada às tradições culturais presente africana, se caracterizam pela a representação das aproximadas 2.000 tribos existentes nesse continente, complexas, se distinguem entre si e das diversidades étnicas e variantes das especificidades regionais. Nesse processo, a língua é um fator determinante da constituição sociais desses povos. As religiões por sua vez, conferem nos fatores correspondentes às organizações sociais. Regulador a vida de seus integrantes desde o nascimento à sua morte. Envolve um universo de saberes que não se traduz crenças ritualísticas das expressões religiosas presente nas diferentes sociedades africanas esta envolta as complexidades de suas práticas, assim tentar entender essa complexidade, não se limita a conhecer a África conforme as explicações herdadas das delimitações do neocolonialismo em sua totalidade, mas, das fronteiras que determinam as linhas correspondentes aos diferentes grupos sociais e seus aspectos regionais.

## **A EM BUSCA DE UM LUGAR COMUM: A RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA**

Assim, muitos das referências, serão reconstruídos aqui, principalmente os correspondentes os crenças religiosas, presente nos rituais herdados de seus ancestrais. Se configurará como afirmação dos valores étnico em conformidade à tradição oral para a população escravas e seus descendentes.

Constituiu-se como fator determinante da representação da tradição, transmitida da memória coletiva a partir da África e que permanecem apoiadas em sua forma tradicional.

No Brasil, essas tradições que se encontraram e romperam com as determinações autoritárias da Igreja dominante, se interagiram entre si, dando origem a novas formas de crer. Essas experiências segundo Marilena Chauí: "oferece princípios para a ação moral e fortalecer a esperança num ser, num destino superior da alma humana." (p. 252, 2003). Dessa forma, a fé dos negros e negras, em seus deuses origem de seus ancestrais, se manteve mesmo disfarçada, em que no primeiro momento de danças e cantos em louvor aos santos católicos ou, depois quando da fusão desses deuses antigos com os da fé cristã ocidental.

A representação de uma das expressões histórico e cultural, essa expressão do sistema colonial, é considerada positiva no processo de afirmação da identidade negra através de suas práticas religiosas. A presença do sincretismo não descaracterizou as tradições -religiosas, uma vez que as religiões afro-brasileiras parecer atuante. Conforme Santos: Em nossa cultura, o lugar comum a admissão do sincretismo entre as práticas religiosas de africana e popular o culto dos deuses, os negros cativos teriam usados os nomes e ritos dos santos católicos. (SANTOS, p. 103, 2007)

Como sugere o autor, o controle não funcionou em sua forma pura, tornou significativa às lutas dos negros em deixar prevalecer e tornar autênticas o vínculo com as tradições de seus ancestrais. O catolicismo foi à religião oficial do Estado, seu papel era impor, mas aos poucos foi se integrando ao cotidiano da vida das pessoas, tomamos como exemplo, as devoções aos santos católicos e suas variante, a exemplo de São Jorge; Nossa Senhora aparecidas, Nossa Senhora das Dores entre outros. Os ritos indígenas, com seus cultos a natureza dei ficada, o pajé ou chama era um marcante de seus rituais, Assim, houve uma mescla de culturas entre os grupos étnicos aqui envolvidos.

As irmandades como explica Roger Bastides: "as representações coletivas, as imagens mentais de grupos, não pode subsistir sem substratos materiais, sem um jogo de relações bem organizadas entre os membros desses grupos.." (p. 541, 1960) através desses intercâmbios culturais, os negros além de celebrarem seus santos negros devotos, dramatizavam sua condição social através de desfiles nos dias festivos onde eram celebrados as coroações de reis e rainhas, representação das cortes reais africanas, chamados de nação, para referir-se aos diferentes grupos étnicos e seus respectivos locais de origem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos pra devidos fins que, as religiões de matriz africana no Brasil do século XIX, revelam muito os direitos legais e valorização da identidade cultural, histórica, política e social, privilegia aqui, as crenças religiosas de tradição africana no Brasil século XIX. Por essa vias, foi permitida a realização da pesquisa que se deu através da análise reflexiva a religiões afro-brasileira. Em consequência disto, podemos constatar que durante o período estudado, uma intensificação das práticas religiosa nas principais cidades das regiões brasileiras, dentre elas Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Salvador, Recife, Maranhão entre outras localidades que partilharam dentre os diferentes grupos étnicos, as crenças dos ancestrais religiosos dos escravos. Conforme o exposto, foi realizada uma perspectiva de abordar alguns aspectos históricos que incidem sobre alguns pressupostos teóricos versa sobre as representações das religiosas afros, enquanto de identidade dos grupos dos grupos étnicos, nele envolvido, e o seu desenvolvimento durante a escravidão no Brasil, bem como outras questões que desencadearam essa trama histórica que mesmo tendo ocorrido há mais de um século, continua presente na cultura e memória coletiva, fator de identidade dos afro-brasileiros.

A idéia que procurei defender nesse estudo foi, a dar ênfase à religião afro no sentido verificar a importância dessa temática no contexto social escravocrata, focando os movimentos decorrentes dessa temática, conferindo a importância dos valores referentes às idéias contidas nessas religiões, implica pois, no seu reconhecimento enquanto identidade étnico e cultural da população negra no Brasil.

## REFERÊNCIAS

AYALA, Marcos, AYALA, Novaz. IGNEZ, Maria. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: [s.n.], 2002.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Áfricas no Brasil**. São Paulo: USP, 1971.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia** . São Paulo: Ática, 2003.

DAVIS, David Brion. **O problema a escravidão na cultura ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 94 ed. São Paulo: Global, 2004.

MOREIRA, Carlos Eduasdo. [et al.]. **Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2006.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 16 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Imaginário, Cotidiano e Poder: memória afro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2007.